



**FOLHA ESPÍRITA
FRANCISCO CAIXETA**
ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
ARAXÁ - MG

Setembro/Outubro de 2022 nº106 Ano 18

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER

Editorial

Vivemos tempos difíceis. O olhar para a população planetária, sobretudo, para a brasileira, induz-nos, a primeira vista, a uma triste constatação: uma sociedade doente. Estamos no terceiro milênio, no século XXI e ainda depa-ramos com guerras destruidoras, no além mar; guerras ideológicas aqui e acolá; intolerância de todo gênero, discriminação a toda ordem, racismo para todo lado, xenofobia, homofobia, e tantas outras denominações pejorativas e destrutivas mundo a fora. O momento é de transição planetária, bem o sabemos, de mundo de provas e expia-ções para um mundo de regeneração. É a separação do joio e do trigo. Tanto os encarnados quanto os desencarnados estão se revelando. E o “amai-vos uns aos outros”? e o “amar ao próximo como a si mesmo”? que segundo Kardec¹ “é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo”. Jesus, o Cristo de Deus, estabelece como caridade a benevolência, a indulgência e o perdão, segundo nos ensina os Espíritos Superiores². Porque o ódio, o egoísmo, o orgulho e tantos males ainda prevalecem no nosso meio? A resposta parece-nos óbvia: por não amarmos-nos uns aos outros como Jesus espera que amemo-nos. Por sermos Espíritos, em grande maioria, da terceira ordem da escala espírita, ainda com resistência à transformação moral. Fénelon³ chama-nos a reflexão quando diz: “Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Tomai sobretudo a peito amar os que vos inspiram indiferença, ódio, ou desprezo.” Kardec⁴ enfatiza que “o ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir.” Não foi por acaso que ele cunhou o “Fora da caridade não há salvação”⁵ como bandeira do Espiritismo. Pois, “a prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas tão somente união, concórdia e benevolência mútua.”⁶ Precisamos fazer a nossa parte, pois o Espírito de Verdade⁷ nos esclarece que “são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.”⁷

^{1,6}KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XI, item 4. FEB.

²_____. *O livro dos espíritos*. Q. 886. FEB.

³_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XII, item 10.

FEB.

⁴_____. Cap. X. Item 4. FEB.

⁵_____. Cap. XV. FEB.

⁷_____. Prefácio. FEB.

**PROGRAMA ESPÍRITA
ENTRE A TERRA E O CÉU**

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da
Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM
e pela internet
www.radioimbiara.com.br



ATIVIDADES PRESENCIAIS E ONLINE, NO CAIXETA

Segunda-feira às 19h30

Reunião online

O Livro dos Espíritos

Terça-feira às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público

O Livro dos Espíritos e O Evangelho

Segundo o Espiritismo / Passe

Quarta-feira às 19h30

Reunião online

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Quinta-feira às 19h15

Reunião presencial fechada ao público

Reunião mediúmica

Sexta-feira às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público

O Evangelho Segundo o Espiritismo /

Passe - Evangelização da criança

Domingo às 18h

Reunião aberta ao público

Grupos de Estudos da Doutrina

Obras de André Luiz

*O link das reuniões online é postado
às 19h25, no grupo do Caixeta.

“Estabelecimentos para a instrução primária, universidades para o ensino superior. Ao lado, porém, das instituições que visam à especialização profissional e científica, na atualidade, encontramos no templo espírita a escola da alma, ensinando a viver.” (Emmanuel/Chico).

Estude e viva, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira

VEJA NESTA EDIÇÃO

O Egoísmo — p.2
Amor, princípio da vida universal — p.4

Fraternidade — p.7
O servo inconstante — p.8

O EGOÍSMO

Por Fábio Augusto Martins

Pode-se dizer que ninguém escapa de ser encaixado em um ismo qualquer. “Se o sufixo ismo caracteriza a junção de atividades em torno de uma tendência, de um movimento, o egoísmo, por sua vez, encarna todo um posicionamento interior no sentido de erguer um trono à própria personalidade, um culto fanatizado à defesa dos próprios interesses. (...)”

“O problema com seus detentores é que, na medida em que supervalorizam os próprios interesses, agem no sentido contrário na escala de importância em que catalogam as pessoas. Para o egoísta o próximo vale muito pouco – quando não coisa nenhuma”¹.

Segundo Emmanuel², “o egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta”. Isso porque do egoísmo “deriva todo o mal”³. Os Espíritos superiores instruí-nos a estudarmos todos os vícios a identificarmos o cerne, a causa, e encontraremos no fundo o egoísmo, como raiz. Por esta razão é que precisamos imple-

mentar todos os esforços para extirparmos essa chaga da Humanidade que tanto impede a evolução individual e coletiva do nosso orbe.

Emmanuel⁴ ainda nos elucida que o egoísmo “é a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens”. O egoísmo “é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza as outras qualidades.”⁵ Pascal⁶ também esclarece-nos assim: “Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, mister fora vos esforçásseis por largar essa couraça que vos cobre os corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos alheios.”

Quando Kardec cunhou o lema “Fora da caridade não há salvação”⁷, em sintonia com o Cristo, ficou estabelecido que a benevolência, a indulgência e o perdão⁸ se fazem necessário para atingirmos o propósito divino para nós destinado, a perfeição relativa. Sendo, assim, o caráter egoísta é um entrave ao progresso moral e espiritual da Humanidade.

Emmanuel⁹ assevera também que está reservado ao Espiritismo a tarefa de ascender o planeta Terra na hierarquia dos mundos, isto é, de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração e, continuamente, essa ascensão até o que for possível.

Allan Kardec¹⁰ é enfático ao grafar que “Tendo que reinar na Terra o bem, necessário é sejam dela excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que possam acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo de que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo pro-

gresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: ‘Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda’.”

A nossa responsabilidade, como spiritistas que somos, é muito grande. A nossa transformação moral urge. A hora chegou. Não desperdicemos esta oportunidade. Arago¹¹ esclarece-nos que “Quando se vos diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, nada de místico vejais nessas palavras; vede, ao contrário, a execução de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais se quebra toda a má vontade humana.”

Emmanuel¹² chama-nos atenção: “o egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apon-tar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno.” Para nós, os espíritas, esta coragem é

Continua... 2



Folha Espírita
Francisco Caixeta

Editado pela
Associação Espírita
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”

Grupo Editorial
Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão:
Grupo editorial
Tiragem: Digital

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

estimulada pelo conhecimento adquirido por meio de O Espírito da Verdade. “À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.”¹³

Há muito o que refletir sobre educação, pois tem se confundido com instrução, que muitas vezes tem estimulado o egoísmo e o orgulho. “...não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o

conjunto dos hábitos adquiridos...”¹⁴

Os Espíritos Superiores¹⁵ ao responderem Kardec sobre “Qual o meio de destruir-se o egoísmo?” esclarece-nos: ‘O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominante sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, real e não desfigurado por ficções alegóricas.’

O materialismo tem nos cegado ao que mais nos interessa, fomentando-nos o orgulho e tornando-nos mais egoístas. Isso tem estimulado na humanidade uma série de preconceitos, de intolerância, seja de gênero, de religião, de casta, ou de nacionalidade. Pascal¹⁶ chama-nos atenção: “a rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais se escusava; não repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria assim a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Quando o tomareis por modelo de todas as vossas ações?”

Kardec¹⁷ obteve uma resposta de uma palavra só, das 1018 questões, quando indagou aos Imortais sobre “Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? ‘Jesus’.” Ele é o nosso modelo a ser seguido. Ele não fez distinção nenhuma. Ele ensinou-nos exemplificando e exemplificou ensinando-nos. Ele foi a caridade em pessoa. Sua força moral é tamanha que os “demônios” envergonhavam-se diante d’Ele e corriam. Quando tomarmos, efetivamente, Jesus como nosso Guia e Modelo, Mestre e Senhor, vamos promover a maior revolução já vista nesse orbe de Deus.

Pascal¹⁸ assevera-nos ainda: “se na Terra a caridade reinasse, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; ocultar-se-ia, visto que em toda parte se acharia deslocado. O mal então desapareceria, ficai bem certos. Começai vós por dar o exemplo; sede caridosos para com todos indistintamente; esforçai-vos por não atentar nos que vos olham com desdém e deixai a Deus o encargo de fazer toda a justiça, a Deus que todos os dias separa, no seu reino, o joio do trigo. O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calcarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito.”

Paz e bem!

¹Públio José – jornalista. *Egoísmo, o ismo do eu.* www.aquicontece.com.br/index.php/artigo/publio-jose/28/11/2012/egoismo-o-ismo-do-eu/240

^{2,4,9,12} KARDEC, A. O egoísmo. Item 11 do Cap. XI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Emmanuel. FEB.

^{3,5} KARDEC, A. *O livro dos espíritos*. Q. 913.

^{6,16,18} O egoísmo. Item 12 do Cap. XI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Pascal. FEB.

⁷ KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XV. FEB.

⁸ O livro dos espíritos. Q. 886.

¹⁰ A gênese. Item 16 do Cap. XVII. FEB.

¹¹ Item 9 do Cap. XVIII. FEB.

¹³ O livro dos espíritos. Q. 914.

¹⁴ Q.685

¹⁵ Q.917

¹⁷ Q.625.

Siga a Folha

<http://twitter.com/FolhaCaixeta>



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA

“FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira às 19h30

Reunião *online*

O Livro dos Espíritos

Terça-feira às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Espíritos e O Evangelho
Segundo o Espiritismo / Passe

Quarta-feira às 19h30

Reunião *online*

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Quinta-feira às 19h15

Reunião presencial fechada ao público
Reunião mediúnica

Sexta-feira às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passe - Evangelização da criança

Domingo às 18h

Reunião aberta ao público

Grupos de Estudos da Doutrina

Obras de André Luiz

*O link das reuniões *online* é postado às 19h25, no grupo do Caixeta.

Salve o trabalho, viva o amor!

Zequinha Ramos

Amor, Princípio Da Vida Universal

Por: Lindberg Garcia

“Ame o que você tem. Antes que a vida te ensine a amar o que você tinha” (Clarice Lispector).

Divaldo Franco, em uma palestra transmitida pela FEP, canal oficial da Federação Espírita do Paraná, nos narra uma história verídica em que ele nos fala sobre nossas ilusões e realidade, que por vezes, nem sempre conseguimos ver. Ensina o amoroso Tribuno, “quando conhecemos alguém por amor ele não termina, porque o amor entende, aceita e liberta.”

Divaldo, conta que em uma de suas viagens, quando estava em Nova Iorque, que após realizar uma conferência, um cavalheiro acercou-se dele, e através de um intérprete disse-lhe que gostaria de contar uma história, que ele próprio pretendia divulgar na internet. Reproduzo o diálogo narrado por Divaldo e o referido cavalheiro.

– A minha história, eu peço que o senhor a conte onde quer que vá. Eu acabo de ouvi-lo sobre a transição do planeta, *O Mundo Melhor*.

Divaldo, narra que aquele cavalheiro entre lágrimas, contou-lhe o seguinte drama.

– Ao chegar em casa para o jantar, a mesa estava posta e minha mulher me aguardava. Eu, abruptamente lhe disse: Quero o divórcio. Ela teve um choque. Pensou que era brincadeira, mas o meu semblante estava carregado e repeti-lhe, eu quero o divórcio. Por fim eu tive coragem.

– Quero o divórcio, porque o nosso amor acabou. Estamos casados faz dezenove anos, e nosso filho já tem dezessete. Somos apenas amigos que se detestam fraternalmente, dormimos sob o mesmo teto. Como sou um homem honrado, quero lhe dizer que estou com outra e não quero ter uma vida paralela. Eu lhe darei trinta por cento das ações de nossa empresa, lhe darei a nossa mansão, o automóvel, uma boa pensão para você e para nosso filho, mas, eu quero o divórcio.

Ela deu um grito e começou a injuriar-me. Eu já esperava. Fazia um mês que eu queria falar-lhe, mas não tinha coragem. No dia seguinte, quando eu cheguei em casa a mesa estava posta e ela estava escrevendo na escriva-

ninha ao lado. Nenhuma palavra. Na terceira noite, quando eu cheguei, ela continuava escrevendo, nenhuma palavra. Na quarta noite eu lhe perguntei.

– Então, o que é que você me responde?

Calma, exageradamente serena, olhou para mim e disse-me.

– Eu lhe darei o divórcio, com duas condições. Primeiro, que nos divorciemos dentro de trinta dias, porque o nosso filho vai prestar agora exames na universidade. O nosso divórcio iria perturbá-lo. Já que você me tolerou tantos anos sem me amar, um mês a mais não fará diferença.

– Está bem, e a segunda questão?

– Quando nos casamos, você me carregou até a porta do quarto, lembra-se?

– Sim, era loucura de jovem.

– Sim, até pode ser, mas eu quero pedir-lhe, que nestes trinta dias você me carregue do quarto até aqui na sala de jantar.

– Você está louca.

– É a minha condição.

– Mas eu não farei isto.

– Então eu não cederei o divórcio. Iremos para o litigioso e eu arruíno você. A opção é sua.

– No dia seguinte, eu contei o caso à minha amante. Ela deu gargalhadas de zombaria. Previ que minha mulher não cederia, resolvi aquiescer. Na quinta manhã, enquanto nos vestíamos, eu olhei para ela. Fazia tempo que não a olhava. Notei que ela estava magra. Após ela vestir-se, aproximei-me e a carreguei. Quando saímos do quarto, deparamos com nosso filho que passava e ouvimos quando disse.

– Os pombinhos estão de bem.

– Em seguida, eu a deixei na sala de jantar. E assim foi no segundo, no décimo e no décimo quinto dia, ela usou uma roupa que eu gostava muito. Eu notei que ela estava muito magra, porque a roupa lhe sobrava. Ela colocou o cinto e o vestido ficou meio plissado. Pensei comigo, até que ficou interessante. Eu a carreguei de maneira especial nesse dia. No vigésimo dia, ela colocou o perfume que usou em nossa noite de núpcias. Quando a ergui, eu a coloquei nos braços e a estreitei de encontro ao peito com uma emoção diferente. Ela passou a mão pelo meu pescoço e recostou sua cabeça junto a minha. Notei que seu rosto estava frio e suarento.

No vigésimo sexto dia, eu achei que ela estava leve, uma onda de ternura tomou conta de mim. Após, a deixei no quarto e fui trabalhar, indo depois à casa de minha amante, que perguntou-me como estavam as coisas em casa, ao que respondi-lhe.

– Venho acabar com o nosso relacionamento.

– Mas eu sabia, você é um miserável, um louco. Ela é uma astuta, pediu-lhe para carregá-la para seduzi-lo.

Então, minha companheira mostrou-me o que era, bem diferente da fase em que me conquistara. Agora, blasfemou, xingou e bateu a porta. Senti-me aliviado. Fui a uma florista, pedi-lhe para preparar um ramallete de rosas vermelhas em botão, que minha mulher amava. Um laçarote de fita, também vermelha. Quando ia saindo, a vendedora me disse.

– Não quer colocar um cartão?

– Ah, dê-me o cartão, que escrevi assim: “Eu Sempre a carregarei em meus braços” e assinei. Cheguei em casa e assoviando, estava feliz.

Adentrei, a noite descia, e eu vi de longe a alcova suavemente iluminada. Minha mulher estava repousando. Entrei no quarto, ela estava deitada de costas. Me aproximei para dar-lhe o presente. Quando sentei-me, ela de lado voltou-se e eu a olhei, estava morta. Ao colocar as rosas ao seu lado, notei que no vestido estava preso um envelope. Abri-o, encontrei uma carta que li emocionado.

Escrevo-lhe esta carta, na noite seguinte ao seu pedido de divórcio. Vou lhe pedir trinta dias, porque hoje voltei do médico oncologista, que me disse estar com câncer no colo de útero, fatal, com metástase e que viverei no máximo trinta dias. Desejo morrer antes, para libertar você, porque se eu me divorciar agora e morrer nesse ínterim, você vai pensar que é responsável. Eu o amo tanto, que desejo que você não sinta culpa. Perdoa-me se eu não correspondi a sua confiança. São apenas trinta dias. Não quero o seu carro, nem a sua casa, nem as ações. Perdoe-me, se eu não soube corresponder, mas cuide de nosso filho, alertava ela.

– Por isso, estava tão frágil, magra. Era o câncer, e eu não me dei conta. Então, eu coloquei as rosas sobre o seu cadáver, levei-a à casa funerária, acompanhei o velório e a incineração do seu cadáver. Guardei as cinzas em um vaso de cristal. Quero pedir ao senhor, on-

de quer que vá, nestes dias tão tumultuados, fale sobre o amor, sobre a compaixão, sobre a misericórdia, sobre a paciência e tolerância. Todo relacionamento que se alonga, tende a perecer, toda brasa cobre-se de cinzas, mas o sopro do vento faz com que ela aviva a labareda. O senhor me promete que dará a minha mensagem? Me segurou com as mãos geladas. Eu disse que sim, àquele cavalheiro aflito.

Esta pujante história, me lembra nosso querido e saudoso Chico Xavier ao ensinar que, “Viver é sempre dizer aos outros que eles são importantes. Que nós os amamos, porque um dia eles se vão e ficaremos com a impressão de que não os amamos o suficiente”.

Quantas vezes nos esquecemos de dizer à nossa esposa, aos nossos filhos, às pessoas de nosso círculo de amizade, ou até mesmo fora dele, uma simples frase: eu te amo, ou ainda, você é importante para mim, ou mesmo, te quero muito, coisas triviais assim, mas de forte carga emocional. Saudarmos alguém com um gesto de ternura, dizer um muito obrigado por um favor recebido, compreender a sisudez do amigo que não responde ao nosso cumprimento, apresentar nossas desculpas por alguma descortesia que tenhamos cometido, escutar pacientemente as queixas de nossos companheiros de viagens pela estrada da vida, auxiliar a quem precise de nossa ajuda ou compreensão, evitar comentários maliciosos ou depreciativos de quem quer que seja, não participar de conversas maledicentes, ser gentil e respeitoso com qualquer pessoa que nos relacionemos, evitarmos julgar o procedimento de outrem. São atitudes simples, de fácil adoção, contudo, mostram todo o respeito para com nosso semelhante, para com o nosso próximo.

Tais condutas, contribuem para tornarmos-nos melhores e a encetarmos nossa reforma íntima. O ser humano, traz em si a semente do Criador, por isso tem sede de amar. Nunca devemos desistir do amor, pois o amor é o levedo de nossa transformação moral. Nossa viagem, através dos milênios, em que passamos de princípio inteligente a ser inteligente da criação, só foi possível graças o amor do Pai celestial. Tudo no Cosmos exala amor, respira amor, vivifica amor, eterniza amor. Sigamos as pegadas do Cristo de Deus, quando nos pede, “*Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei*”¹. O amor, é a síntese da metamorfose da alma,

que cada indivíduo se conscientize desta grande responsabilidade, personalíssima e individual na transformação do eu eterno. “Seja a mudança que você deseja ver no mundo”, nos aconselha Gandhi. Divaldo, nos assevera: “A única maneira de mudarmos o mundo, é mudarmos-nos para melhor. O Amor é a Alma de Deus. Que as bem-aventuranças se transforme em sinfonia no altar de nosso coração²”. Em outra oportunidade, Divaldo também nos lembra, “O amor dilui as sombras dos sentimentos negativos, imprimindo o seio da mansidão em todos os atos”.

Denis, define que “O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, sol das almas, que Deus mais eficazmente atua no mundo. Por ele atrai para si todos os pobres seres retardados nos antros da paixão, os Espíritos cativos na matéria; eleva-os e arrasta-os na espiral da ascensão infinita para os esplendores da luz e da liberdade³”.

Afinal, foi isso que nos ensinou Jesus: “Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros⁴”, em outra ocasião, Jesus nos disse, “Os meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem⁵”, e vai mais além ao ensinar, “Amareis o vosso próximo como a vós mesmos⁶”, e assevera, “Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem⁷”.

Nos conta Divaldo⁸, o momento em que a Madre Teresa de Calcutá encontrou o Senhor Jesus.

“Diante da cruz, ela se deteve a vê-lo de uma forma especial. Aos seus pés, estavam escritas duas palavras:

Tenho sede.

Aí ela se perguntou:

– O que é que já lhe dei para aliviar a sua sede?

E a madre resolveu dar-lhe de beber. Saiu da casa monasterial que lhe resguardava. Passando por um depósito de lixo, um dia escutou um gemido no meio de vários corpos inertes. Aproximou-se da criatura, a envolveu, a aconchegou no seu regaço e aquele ser, no leito da morte, narrou-lhe sua mágoa, e a irmã a conclamou ao perdão. Ela lhe perguntou:

– Qual é a sua religião?

A madre lhe respondeu:

– É o amor.

– Qual o seu Deus?

– Meu Deus é você, porque se em verda-

de eu não a amar, como amarei a Deus?

– O meu Deus é uma ilusão, que eu tenho muito longe de mim.

Disse a criatura.

E por fim, ela lhe perguntou:

– Por que ages assim?

– Porque agora eu conheço Jesus.”

“Todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes⁹”, foi o caminho escolhido por Madre Tereza tocado pelas duas pequeninas palavras aos pés da cruz de Jesus: “tenho sede”. Ao encontrar aquela criatura em miseráveis condições, ela viu nela um irmão e dedicou-lhe amor. Ora, somos filhos de um único Pai, portanto, somos todos irmãos de jornada. Como então, amar a Deus e não amar ao irmão que está a caminho conosco? O amor cria laços de fraternidade, de simpatia, de enlevo, de confiança mútua entre os seres, de harmonia social e promove o aperfeiçoamento moral dos indivíduos entre si. O amor é grande, infinito em sua extensão, não se submete à limites ou condições, ama-se e pronto, simples assim. É um sentimento que aflora do fundo do ser, é o amor pelo amor de amar, é querer sem barreiras ou peias convencionais. O amor é a substância divina do Criador, semeada no íntimo de cada criatura por ele criada. É preciso que nos esforcemos para que essa semente germine, para que assim possamos cumprir nosso desígnio na transformação de nós mesmos, e por consequência de toda a Humanidade. Somente o amor é capaz de transformar os maus e dar-lhes a oportunidade do próprio aperfeiçoamento.

Portanto, sigamos o conselho de Denis, “Recorda-te de que a vida é curta; esforça-te, pois, por conquistar, enquanto o podes, aquilo que vieste aqui realizar: o verdadeiro aperfeiçoamento. Possa teu espírito partir desta Terra mais puro do que quando nela entrou! Pensa que a Terra é um campo de batalha, onde a matéria e os sentidos assediam continuamente a alma; corrige teus defeitos, modifica teu caráter, reforça a tua vontade; eleva-te pelo pensamento, acima das vulgaridades da Terra e contempla o espetáculo luminoso do céu¹⁰”.

Irmãos, sigamos pois, “os passos do tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo: Jesus¹¹”. Só assim poderemos participar da construção de um Mundo novo, onde o amor e a caridade reine absoluta nesta Morada da Casa do Pai.

Urge o tempo, não nos percamos nas atitudes comezinhas do dia a dia. Livremo-nos do egoísmo, do orgulho, da vaidade, da ira, do ódio, da cobiça, da hipocrisia. Transformemo-nos, “o que nós somos é o presente de Deus para nós. O que nós nos tornamos é o nosso presente a Deus¹²”.

Encerro esta crônica, trazendo o primoroso princípio da grande Lei da vida: “Duas coisas me encham de admiração e estarrecimentos crescentes e constantes, quanto mais tempo e mais sinceramente fico refletindo acerca delas: o céu estrelado lá fora e a Lei Moral aqui dentro¹³”.

Graças a Deus!

FRATERNIDADE

“Nisto todos conhecerão que sois meus: se vos amardes uns aos outros.” - Jesus. (João, 13:35.)

Desde a vitória de Constantino, que descerrou ao mundo cristão as portas da hegemonia política, temos ensaiado diversas experiências para demonstrar na Terra a nossa condição de discípulos de Jesus.

Organizamos concílios célebres, formulando atrevidas conclusões acerca da natureza de Deus e da Alma, do Universo e da Vida.

Incentivamos guerras arrasadoras que implantaram a miséria e o terror naqueles que não posiam crer pelo diapasão da nossa fé.

Disputamos o sepulcro do Divino Mestre, brandindo a espada mortífera e ateando o fogo devorador.

Criamos comendas e cargos religiosos, distribuindo o veneno e manejando o punhal.

Acendemos fogueiras e erigimos cadafalsos, inventamos suplícios e construímos prisões para quantos discordassem dos nossos pontos de vista.

Estimulamos insurreições que operaram o embate de irmãos contra irmãos, em nome do Senhor que testemunhou na

cruz o devotamento à Humanidade inteira.

Edificamos palácios e basílicas, famosos pela suntuosidade e beleza, pretendendo reverenciar-lhe a memória, esquecidos de que ele, em verdade, não possuía uma pedra onde repousar a cabeça.

E, ainda hoje, alimentamos a separação e a discórdia, erguendo trincheiras de incompreensão e animosidade, uns contra os outros, nos variados setores da interpretação.

Entretanto, a palavra do Cristo é insofismável.

Não nos faremos titulares da Boa Nova simplesmente através das atitudes exteriores...

Precisamos, sim, da cultura que aprimora a inteligência, da justiça que sustenta a ordem, do progresso material que enriquece o trabalho e de que favoreçam o estudo; no entanto, toda a movimentação humana, sem a luz do amor, pode perder-se na sombras...

Seremos admitidos ao aprendizado do Evangelho, cultivando o Reino de Deus que começa na vida íntima.

Estendamos, assim, a fraternidade pura e simples, amparando-nos mutuamente... Fraternidade que trabalha e ajuda, compreende e perdoa, entre a humildade e o serviço

que asseguram a vitória do bem. Atendamo-la, onde estivermos, recordando a palavra do Senhor que afirmou com clareza e segurança: - “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.”

Emmanuel

Item 15 — *Fonte Viva*
Psicografia de Chico Xavier

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no Reino dos Céus.

O Espírito de Verdade

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Referências

¹ Evangelho de João, 15:9 a 17

² Franco, Divaldo – Palestra na FEP

³ Denis, Leon – *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*

⁴ João, 15:17

⁵ João, 13:55

⁶ Mateus, 22:39

⁷ Lucas, 6:31

⁸ Franco, Divaldo – *O Cristo Histórico*

⁹ Mateus, 25:40

¹⁰ Denis, Leon – *Depois Da Morte*

¹¹ O Livro Dos Espíritos – Q. 625

¹² Eleanor Powell

¹³ Immanuel Kant – Filósofo (22/04/1724 a 12/02/1804)

O servo inconstante

À frente do todos os presentes, o Mestre narrou com simplicidade:

— Certo homem encontrou a luz da Revelação Divina e desejou ardentemente habilitar-se para viver entre os Anjos do Céu. Tanto suplicou essa bênção ao Pai que, através da inspiração, o Senhor o enviou ao aprimoramento necessário com vistas ao fim a que se propunha. Por intermédio de vários amigos, orientados pelo Poder Divino, o candidato, que demonstrava acentuada tendência pela escultura, foi conduzido a colaborar com antigo mestre, em mármore valioso. No entanto, a breve tempo, demitiu-se, alegando a impossibilidade de submeter-se a um homem ríspido e intratável; transferiu-se, desse modo, para uma oficina consagrada à confecção de utilidades de madeira, sob as diretrizes de velho escultor. Abandonou-o também, sem delongas, asseverando que lhe não era possível suportá-lo. Em seguida, empregou-se sob as determinações de conhecido operário especializado em construção de colunas em estilo grego. Não tardou, entretanto, a deixá-lo, declarando não lhe tolerar as exigências. Logo após, entregou-se ao trabalho, sob as ordens de experimentado escultor de ornamentações em arcos festivos, mas, finda uma semana, fugiu aos compromissos assumidos, afirmando haver encontrado um chefe por demais violento e irritadiço. Depois, colocou-se sob a orientação de um fabricante de arcas preciosas, de quem se afastou, em poucos dias, a pretexto de se tratar de criatura desalmada e cruel. E, assim, de tarefa em tarefa, de oficina em oficina, o aspirante ao Céu dizia, invariavelmente, que lhe não era possível incorporar as próprias energias à experiência terrestre, por encontrar, em toda parte, o erro, a maldade e a perseguição nos que o dirigiam, até que a morte veio buscá-lo à presença dos Anjos do Senhor. Com surpresa,

porém, não os encontrou tão sorridentes quanto aguardava. Um deles avançou, triste, e indagou:

— Amigo, por que não te preparaste ante os imperativos do Céu?

O interpelado que identificava a própria inferioridade, nas sombras em que se envolvia, clamou em pranto que só havia encontrado exigência e dureza nos condutores da luta humana.

O Mensageiro, no entanto, observou, com amargura:

— O Pai chamou-te a servir em teu próprio proveito e, não, a julgar. Cada homem dará conta de si mesmo a Deus. Ninguém escapará à Justiça Divina que se pronuncia no momento preciso. Como pudeste esquecer tão simples verdade, dentro da vida? O malho bate a bigorna, o ferreiro conduz o malho, o comerciante examina a obra do ferreiro, o povo dá opinião sobre o negociante, e o Senhor, no Conjunto, analisa e julga a todos. Se fugiste a pequenos serviços do mundo, sob a alegação de que os outros eram incapazes e indignos da direção, como poderás entender o ministério celestial? E o trabalhador inconstante passou às consequências de sua queda impensada.

Jesus fez uma pausa e concluiu:

— Quem estiver sob o domínio de pessoas enérgicas e endurecidas na disciplina, excelentes resultados conseguirá recolher se souber e puder aproveitar - lhes a aspereza, inspirando-se na madeira bruta ao contato da plaina benfeitora. Abençoada seja a mão que educa e corrige, mas bem-aventurado seja aquele que se deixa aperfeiçoar ao seu toque de renovação e aprimoramento, porque os mestres do mundo sempre reclamam a lição de outros mestres, mas a obra do bem, quando realizada para todos, permanece eternamente.

Neio Lúcio

Jesus no Lar, item 5.

Francisco Cândido Xavier

Fora da caridade não há salvação

Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: "Passai à direita, benditos de meu Pai." Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as consequências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírito e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. — Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860.)

KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XV. FEB.